

Roberta, mãe de cinco filhos no Céu e quatro na terra

“É fácil ter fé quando tudo vai bem. Mas quando não temos possibilidade de mudar nada, aí realmente temos que nos colocar nas mãos de alguém”. Neste testemunho, Roberta fala da vida e da morte do filho e dos frutos que este acontecimento doloroso trouxe à sua vida e à da família.

16/09/2024

Roberta conheceu o marido na paróquia da sua terra natal, Fiorenzuola d'Arda. Formou-se em contabilidade, mas a vida a levou a cuidar de idosos dependentes. Hoje ela tem 58 anos e se casou com Enrico em 1991. Eles têm quatro filhos e outros cinco no Céu.

Cada dia é uma graça

“Poucos meses depois do casamento, na minha primeira gravidez, perdi o bebê – recorda Roberta, supernumerária do Opus Dei –, e logo depois perdi outro. Não desanimamos, mas quando chegou a terceira gravidez, tive que ficar três meses de cama devido a uma série de complicações. Naqueles meses de repouso, rezei à Virgem Maria pedindo que desta vez tudo corresse bem. As nossas orações foram ouvidas e Marco nasceu em 1993: comecei a apreciar cada dia dele como uma verdadeira graça”.

“Quando Marco tinha nove meses, conta Roberta, estávamos no carro a caminho de casa para almoçar juntos, numa estrada municipal bastante estreita. Um carro que vinha em sentido contrário ao nosso ultrapassou sem olhar. Nesse momento, estava cantando o Salmo 23. Quando percebi o impacto iminente, estava em *‘Mesmo que eu passe pelo vale tenebroso’*. Virei o volante para me colocar entre o carro vindo na nossa direção e o lado do carro em que estava Marco. Com o impacto que tivemos, o meu filho parou de respirar por alguns minutos, o que foi o suficiente para entrar em coma”.

Após o acidente, Roberta e Marco foram transferidos para dois hospitais diferentes: a mãe para Fiorenzuola, com as pernas quebradas em vários lugares, e o filho para Parma, para a reanimação. Nesse contexto, Roberta descobriu

que estava grávida, mas perdeu o bebê enquanto estava em recuperação.

A esperança de acordar do coma

“Recebi alta depois de algumas semanas, com gesso e muletas. Muitas pessoas que não conhecíamos vieram me visitar em casa para manifestar o seu apoio. Uma enfermeira organizou-se para me levar a Parma numa ambulância médica, para que Marco pudesse ouvir a minha voz e assim ajudá-lo a acordar do coma”.

“Nós experimentamos na nossa própria pele que as previsões médicas só podem ir até certo ponto – explica Roberta. Naquele serviço, algumas pessoas que estavam em coma sem esperança despertaram de repente, enquanto outras para quem havia grandes esperanças não sobreviveram. Marco era muito

pequeno e por isso havia esperança de que ele acordasse”.

Apesar de todos os cuidados, os médicos informaram que não havia mais nada que pudessem fazer pela criança. Foi levado para casa com toda a assistência necessária: “A nossa casa tornou-se um hospital. Em grande dor, continuava a pedir ao Senhor que o curasse”.

O sorriso de Marco

Determinada a se dedicar em tempo integral aos cuidados de Marco, Roberta preparou sua carta de demissão: “A única coisa que pedi a Nossa Senhora foi que pelo menos Marco me pudesse sorrir. Na noite anterior a apresentar a minha demissão, encontrei-o de braços e, quando o virei, tinha um enorme sorriso: Nossa Senhora o havia levado, embora não tivéssemos *concordado* com isso”.

“Tive alguns dias de conversas muito francas com o Senhor. Fiquei com raiva d’Ele e comecei a duvidar que Ele não existisse. Tinha perdido quatro filhos e Marco tinha ficado em coma nove meses. Não me parecia um tratamento justo para o nosso casamento cristão e aberto à vida”.

Neste momento, Roberta sentia-se no fio da navalha: “Passados alguns dias, comecei a refletir sobre o sentido da vida, à luz de tudo o que tínhamos presenciado no hospital e não só. Que sentido tem a vida dos deficientes, daqueles que nascem com doenças gravíssimas que levam rapidamente à morte ou que não têm cura? Qual o significado dos dezoito meses de vida de uma criança que passa metade dos seus dias em coma?”.

Colocar-se nas mãos do Senhor

“É fácil ter fé quando tudo nos corre bem, continua Roberta, mas quando não temos possibilidade de mudar nada, é aí que realmente temos que nos colocar nas mãos de alguém.

Conversando com o Senhor na oração, disse-lhe que preferia acreditar na sua existência e em que tudo tinha sentido. Depois de aceitar isso, comecei a me sentir melhor”.

“Começamos a reconhecer uma série de sinais com olhos de fé. Em cada aniversário, meu ou do meu marido, recebíamos cartas de toda a Itália, de conventos que não conhecíamos, garantindo-nos que rezavam por nós. Espontaneamente, várias pessoas que viveram experiências semelhantes procuraram-nos e compartilhamos a nossa história com elas”.

Entre 1995 e 2002, Roberta e Enrico tiveram quatro filhos que hoje são adultos: Maria, Francesco, Benedetta

e Margherita. Francesco nasceu em 17 de novembro de 1996, exatamente dois anos após a morte de seu irmãozinho, Marco.

“Na nossa casa há um quadro com a fotografia de Marco. Quando os nossos filhos nasceram, dissemos-lhes que tinham um irmãozinho no céu. Eles cresceram com a certeza de ter um irmão no Céu, de tal modo que falavam dele com serenidade com os amigos”.

Uma vida breve com frutos incomensuráveis

“O período de coma de Marco trouxe muitos frutos à nossa vida e à vida das pessoas próximas a nós. Aprendi a oferecer ao Senhor as contrariedades, porque em alguns casos era a única coisa que podia fazer, e a recorrer ao Terço todos os dias. Começamos a ir à missa todos os dias, e nunca deixamos de ir”.

Depois dos quatro filhos que vieram ao mundo, houve uma nova gravidez que, infelizmente, terminou passados alguns meses. Roberta e o marido viveram essa situação com o coração cheio de esperança, apesar da dor: “Não há explicação a nível humano: a única coisa que dá felicidade é entender que a nossa vida tem um sentido sobrenatural, desde o momento em que você nasce até a morte. A vida de Marco durou pouco, mas pelo que ele conseguiu fazer em nós, na minha família, e pelos muitos milagres nas pessoas que conhecemos, a sua marca é indelével. A duração da vida não é a única forma de avaliar se estamos bem”.

O que o Senhor quer de mim?

Enquanto tinham três filhos, Roberta continuou a trabalhar. Com o quarto filho, fazendo alguns sacrifícios, decidiu se dedicar em tempo integral à família: “Estava praticamente

absorvida apenas pelos meus filhos. Até ir à Missa era um problema. Nós nos mudamos por um tempo por causa do trabalho do meu marido e, por acaso, conhecemos o Opus Dei. Depois de um tempo, conversando com uma amiga supernumerária, reclamei da dificuldade de entender o que o Senhor queria de mim: tinha-me dado quatro filhos, mas agora eu não tinha tempo nem de ir à Missa. Ela abriu um novo horizonte sobrenatural para mim, explicando que o Senhor não queria nada mais de mim do que o que eu já estava fazendo: cuidar bem do meu marido e dos meus filhos. Comecei imediatamente o meu caminho no Opus Dei cheia de alegria”.

de-cinco-filhos-no-ceu-e-quatro-na-
terra/ (30/01/2026)